

HOMENS E BICHOS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Acabo de ver e de apreciar a fotografia publicada em uma de nossas revistas, onde se vê o sr. Nereu Ramos diante da delegacia do 5.º Distrito, a verificar, com olhos de Ministro, os estragos produzidos no departamento de sua jurisdição por funcionários de outro ministério. Vale a pena examinar detidamente o clichê, que é muito mais eloquente do que todos os textos de comentários do momento político. Lá está o Ministro, ainda Ministro, e Ministro da Justiça, de mãos nos bolsos, boca contraída, travada, censurada, e olhar perdido e perplexo. Já vi aquele olhar nos campeonatos de xadrez, quando o jogador considera um lance imprevisto que vem complicar todos os seus planos; e já vi muitas vezes, também, aquela boca travada, nas cenas da vida onde é preciso proibir o surto espontâneo das palavras irremediáveis. E não era para menos. Ali estavam, nas pessoas feridas e nos objetos quebrados, os sinais de um choque recente entre dois ministérios. A gente da Guerra acabara de esbofetear a gente da Justiça. E agora? E agora? Que fazer? Que atitude tomar? E diga: atitude e não providência, porque o primeiro problema de um ministro, nessas circunstâncias, é o do gesto que deve fazer e o da palavra que deve calar. A fotografia mostra a primeira fase da solução: mãos nos bolsos, olhar perdido, boca selada. Já na outra, que foi publicada pela Tribuna da Imprensa depois do pedido da demissão, vê-se um riso aberto e aliviado, e uma fisionomia que quase ficou bonita. Triste coisa ser Ministro, sobretudo da Justiça, da mais fina e política das pastas, num momento em que a força bruta das armas vale mais do que os preceitos da moral! Tempos atrás, tentando eu guardar meu carro num pátio interno do Edifício Pôrto Alegre, ali encontrei um Inspetor do tráfego com ar de quem se aborrecia infinitamente. Puxei conversa estranhando sua presença num local tão desprovido de movimento. Explicou-me o guarda que fazia plantão naquele pátio, da manhã até a tarde, com o único objetivo de garantir saída desembarçada para o carro do sr. Ministro da Justiça que tem escritório naquele imóvel. Invejei o Ministro a admirei o poder que mobiliza um guarda para tão pequeno serviço. Tão grande é a humana fraqueza, e tão premente é no Rio o problema do estacionamento dos veículos, que cheguei a invejar o Ministro. Confesso-o. Mas agora, vendo a fotografia, veio-me logo à memória aquele verso do Cyrano: "Dejeuner chaque jour un crapaud? Non merci!" Salta aos olhos que naquele momento, diante da Delegacia do 5.º Distrito, o sr. Nereu Ramos estava almoçando seu sapo quotidiano. Ou melhor, um sapo mais corpulento do que os outros, e pelo menos de tamanho igual ao de novembro do ano atrasado.

No clichê estampado depois da demissão, a fisionomia risonha e tranqüila demonstra alívio. Terá vomitado ou engulido o sapo? Como simples cidadão sou forçado a escolher a hipótese da deglutição, porque se é verdade que houve um pedido de demissão, é também verdade que não se tornou público o seu motivo. Como disse o deputado Aliomar Baleeiro, o pedido de demissão já tardava; e acrescento eu que tarda a explicação. Não somente para desagravo da dignidade pessoal do sr. Nereu Ramos, posta em xeque pelos carros de assalto que depredaram o 5.º distrito, mas também para informação nossa está tardando a explicação cabal da demissão do sr. Nereu Ramos. Um fato político de tal relevância não pode ficar escondido nos conciliábulos dos gabinetes. Tem de sair à rua, porque a rua é que paga os palacianos, a rua é que sustenta os ministros, a rua é que vota e paga. Como homem da rua, reclamo o esclarecimento e o direito de quem se arroga o Presidente de guardar consigo o que é nosso. Queremos uma explicação. Se não têm a coragem de dar uma explicação verdadeira,

deem-nos uma falsa, deem-nos um pretexto, uma desculpa, que ao menos tenha o mérito de obrigar o poderoso à humilhação do disfarce. O que não se admite é que um fato de tal significação para a vida pública fique escondido nos códigos do Calete ou do Itamarati. Não aprecio o esforço que fazem os comentaristas políticos para a decifração da charada. Acha humilhante para o democrata o afã de adivinhar, o gosto de parecer lúcido e bem informado, o prazer de entrar no jogo dos logógrafos maquiavélicos, quando se trata de matéria em que temos direito a um pleno esclarecimento. Não tentarei eu, por esse motivo, e até por uma radical incapacidade de simpatizar com o tecido de intrigas, que para muitos é a própria substância da política, uma interpretação do fato. Fecho-me na obstinada exigência. Espero do Presidente a explicação que ao país é devida. Meu maior desejo é que a demissão do ministro se prenda às ocorrências do 5.º Distrito, mas enquanto não publicam a declaração conservo o direito de pensar que o sr. Nereu Ramos enguliu o sapo, isto é, a fanfanha dos moços do Ministério da Guerra.

*

Na Rússia também houve uma história de engulir sapos. O Marechal Zukov, diante do solene Comitê Central, fez a sua autocritica. Todo o mundo anda agora admirando a Rússia por causa de um ou dois Sputniks atirados no espaço. Se eu fosse russo, preferiria mil vezes que meus compatriotas, em vez de descobrir fórmulas de foguetes, descobrissem a ridícula obscenidade dessas autocriticas arrancadas pela intimidação. Se eu fosse russo, na hipótese de ter conservado, apesar da atmosfera do regime, um mínimo de sensibilidade cívica, teria vergonha de cada palavra pronunciada pelo Marechal Zukov. Não vi o clichê da cerimônia, mas pelos discursos que até aqui chegaram posso deduzir facilmente que o Marechal não estava de mãos nos bolsos, boca travada e olhar perdido. Não. Comia os sapos soviéticos e proclamava o bom tempero. Engulia e agradecia. E mais sapos lhe dessem mais comer e mais agradecer. E enquanto isto se passa, um mundo de basbaques fica de nariz no ar a admirar os balões e a comemorar o adiantamento da Rússia soviética. Chegam ainda outras notícias para provar, como disse um de nossos matutinos, que nem tudo é azul no país dos vermelhos. Reina grande agitação nos países satélites, ficando assim privado que é mais fácil fazer um satélite artificial habitado por um cachorro do que manter satélites habitados pelos incômodos bipedes implumes. Aliás, por falar em cachorro, quero registrar minha desaprovação ao pronunciamento da Sociedade Protetora dos Animais. Não me parece que o momento tenha sido bem escolhido para negar aos russos o direito de fazer experiências científicas com animais. Esse direito eles têm. Por mais que nos aflija a sensibilidade a idéia do pobre bicho a ganhar nos espaços interplanetários, não podemos imputar à crueldade soviética uma experiência análoga às que se fazem em qualquer laboratório do mundo ocidental. Sempre gostei de bicho, mas por essas e outras nunca me passaria pela idéia ingressar na Sociedade Protetora, que, não sei porque, me lembra Esperanto, a Homeopatia, o Rotary e as associações filatélicas. Há sem dúvida um traço de sadismo no fato de terem posto um nome próprio, um nome carinhoso no animal imolado. Medestia a parte, eu não teria coragem de comer uma galinha com nome próprio. Como a galinha-em-geral, a galinha que tem carne e gosto de galinha. Creio que já comi cachorro num hotel do Espírito Santo. E certamente já comi gato por lebre. Mas não teria a coragem de comer um cachorro chamado Tupi ou um gato chamado Mimi. Uma vez que se põe um nome de ternura, o bicho está numa espécie de piquete participando das inunidades hu-

manas. Mas o traço de sadismo não é especificamente russo. Aqui mesmo, em pleno ocidente, fazem-se coisas piores. Conheci um comércio de banhas que tinha a marca registrada de "O porco que ri". Havia em Paris uma marca de queijo, muito saborosa aliás, que se chamava "La vache qui rit". Mas o leitor há de convir que há um abismo entre dar o leite para o queijo e dar as próprias gorduras para a banha. Rir a vaca, mas não o porco. Se eu fosse membro daquela Sociedade havia de pugnar para que dessem outra denominação ao produto. Sugeriria algumas mais compassivas: "A porca inconsolável", "O leitão orfão", etc.

Voltando aos episódios da Rússia, eu acho que o caso do Marechal Zukov é muito mais comovedor do que o caso da cadeia. Só acho estranho que os russos não tenham tido a idéia de aproveitar a boa disposição do Marechal para um serviço mais grandioso. Podiam mete-lo no satélite, com um microfone para transmitir em torno do mundo a sua autocritica, e a ciência lucraria com as observações que o Marechal pudesse fazer.

Não. Realmente não concordo com o pronunciamento da Sociedade Protetora dos Animais. No momento são mais graves os cuidados que o mundo espera de nós. Se querem ser compassivos, eu proponho que se funde a Sociedade Protetora dos Marechais Russos.